

**Processos de resiliência de uma pessoa surda a partir das relações familiares  
estabelecidas**

**Deaf person's resilience processes based on established family relationships**

**Los procesos de resiliencia de las personas sordas se basan en relaciones familiares  
establecidas**

Recebido: 03/08/2020 | Revisado: 09/08/2020 | Aceito: 15/08/2020 | Publicado: 20/08/2020

**Terezinha Teixeira Joca**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3540-9450>

Universidade de Fortaleza, Brasil

E-mail: [terezinhajoca@unifor.br](mailto:terezinhajoca@unifor.br)

**Marilene Calderaro Munguba**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3663-9282>

Universidade Federal do Ceará, Brasil

E-mail: [marilenemunguba@delles.ufc.br](mailto:marilenemunguba@delles.ufc.br)

**Resumo**

A partir de uma pesquisa desenvolvida em um programa de doutoramento, fez-se o recorte de um participante e sua família. Desse modo, o presente artigo pretende apresentar as contribuições de uma família resiliente no processo de ser surdo. Configura-se como um estudo de caso de um sujeito surdo universitário e sua família, que se destacou dentre os dez surdos estudantes do Ensino Superior e respectivos familiares, colaboradores da investigação original, pelo comprometimento com a cultura surda, com o “movimento surdo”, com seus estudos e com respeito e aceitação de sua condição de ser surdo. Aplicou-se entrevista em profundidade realizada em junho de 2019. Foi adotado a análise de conteúdo do tipo análise temática e definido como núcleos temáticos os pilares da resiliência familiar: Crenças familiares, Processo de comunicação com abertura, Padrões organizacionais. No caso em questão a resiliência familiar contribuiu com a desenvoltura de um de seus membros (surdo) a partir da aceitação da diferença, não o colocando como excluído e dando-lhe as mesmas oportunidades oferecidas à filha ouvinte. O que levou o filho surdo a compreender a diferença entre ouvintes e surdos, mas não a paralisar, percebendo-se na perspectiva da diferença e não da deficiência. A partir do caso apresentado, identificou-se que a família em estudo, ao assumir atitudes positivas diante dos fatos inesperados e ao enfrentar o curso da vida como

algo a ser encarado com equilíbrio e boas crenças de possibilidade de resoluções, torna-se resiliente e leva os seus membros a desenvolverem a capacidade de resiliência.

**Palavras-chave:** Família; Surdo; Resiliência.

### **Abstract**

Based on a study conducted in a PhD program, one participant and his family were selected. Thus, this article aims to present the contributions of a resilient family in the process of living as a deaf person. This is a case study of a deaf undergraduate student and his family, which stood out among the ten deaf Higher Education students and their families, collaborators of the original investigation, for their commitment to the deaf culture, the “deaf movement”, his education and their respect and acceptance of his condition of being deaf. An in-depth interview was conducted in June, 2019. The data analysis method utilized was thematic analysis and the pillars of family resilience were defined as thematic nuclei: family beliefs, open communication process, organizational standards. In this case, family resilience contributed to the resourcefulness of one of its (deaf) members by accepting the difference, not placing him as an outcast, and giving him the same opportunities as their hearing daughter. That led the deaf son to understand the difference between the hearing and the deaf, but not to paralyze him, therefore, he perceives himself in the perspective of difference and not disability. From the case presented, it was identified that the family under study, when assuming positive attitudes in the face of unexpected facts and facing the course of life as something to be faced with balance and good beliefs about the possibility of resolutions, becomes resilient and leads its members to develop resilience.

**Keywords:** Family; Deaf; Resilience.

### **Resumen**

Basado en una investigación de un programa de doctorado, se seleccionó a un participante y su familia. Este artículo tiene como objetivo presentar los aportes de una familia resiliente en el proceso de ser sorda. Se configura como un estudio de caso de un estudiante universitario sordo y su familia, que se destacó entre los diez estudiantes sordos de Educación Superior y sus familias, colaboradores de la investigación original, por su compromiso con la cultura sorda, con el “movimiento de los sordos”, con sus estudios y con el respeto y aceptación de su condición de sordo. Se realizó una entrevista en profundidad en junio de 2019. Se adoptó el tipo de análisis temático y se definieron los pilares de la resiliencia familiar como núcleos temáticos: Creencias familiares, Proceso de comunicación abierta, Estándares

organizacionales. En el caso en cuestión, la resiliencia familiar contribuyó al ingenio de uno de sus miembros (sordos) desde la aceptación de la diferencia, no ubicándolo como un excluido y brindándole las mismas oportunidades que se le ofrecen a la hija que escucha. Lo que llevó al hijo sordo a comprender la diferencia entre oyentes y sordos, pero no a paralizarlo, percibiéndose a sí mismo en la perspectiva de la diferencia y no de la discapacidad. A partir del caso presentado, se identificó que la familia en estudio, al asumir actitudes positivas ante hechos inesperados y afrontar el curso de la vida como algo a afrontar con equilibrio y buenas creencias sobre la posibilidad de resoluciones, se vuelve resiliente y lleva a sus miembros a desarrollar resiliencia.

**Palabras clave:** Familia; Sordo; Resiliencia.

## 1. Introdução

A condição de ser surdo é compreendida por duas visões distintas: perspectiva médica e socioantropológica. Na primeira, a surdez encontra-se na classificação da deficiência, pois há a prerrogativa da falta e da necessidade de reabilitação da fala. Em contrapartida, a perspectiva sócio-antropológica percebe a surdez a partir das diferenças de língua e cultura, e, para compreendê-la considera o paradigma social, cultural e antropológico. Vale salientar, que os surdos, por longos anos, foram “definidos somente a partir de supostos traços negativos, percebidos como exemplos de um desvio de normalidade, no pior dos casos, ou de uma certa diversidade, no melhor dos casos” (Skliar, 2010, p. 12).

É natural que ao se esperar um filho, seja de forma biológica ou por meio de adoção, muitas expectativas sejam criadas, além da fantasia de beleza e perfeição, mas, “quando há o anúncio de uma deficiência a mãe e o pai têm de se confrontar não só com o bebê real, mas também com o bebê deficiente” (Bayle & Marinnet, 2008, p. 98). E, mesmo, que concordemos com a perspectiva da condição de ser surdo como uma diferença, o embate inicial com a notícia é carregado de conceitos da perspectiva médica e, isso, não podemos negar. Há de se considerar que “a resposta frente a uma situação inesperada difere muito entre as pessoas. Alguns se sentem desolados e desesperam-se, outros encontram forças para superar” (Garcia, 2008, p. 26). E, é sobre essa forma de reagir que pretendemos falar, para que se possa trazer a resiliência apresentada por uma família diante da condição de ser surdo de um de seus membros.

O termo resiliência é muito vasto e devemos considerar que “resiliência psicológica é um conceito contemporâneo de saúde que ainda se encontra em construção” (Silveira &

Kruel, 2020, p. 2). A releitura desse caso, baseia-se na perspectiva da resiliência familiar defendida por Walsh (2005a) que indica a resiliência familiar relacionada a três processos fundamentais: os sistemas de crença familiar, os padrões organizacionais e os processos de comunicação. E na proposta de Rooke & Pereira-Silva (2016, p. 118) que esclarecem a proposta de Walsh, ao defenderem que,

O sistema de crenças é definido como os valores, convicções e suposições que se misturam para desencadear um conjunto de reações emocionais, decisões e ações. Por conseguinte, algumas crenças podem intensificar as opções para a resolução de problemas e adaptação positiva, enquanto outras podem perpetuar os problemas. Os padrões de organização referem-se ao modo das famílias mobilizarem recursos, de resistirem ao estresse e de se reorganizarem para se adequar às condições modificadas. Os processos de comunicação caracterizam-se por serem diretos, nos quais os membros familiares são capazes de demonstrar e tolerar um amplo repertório de sentimentos, bem como resolver problemas de forma cooperativa.

A partir disso, ressaltamos a relevância de alcançar o mundo dos surdos perpassado pelo mundo dos ouvintes, por meio de um estudo que pretende apresentar a história de vida de um sujeito surdo que desde a sua infância apontava a não aceitação do lugar de “deficiente” e que buscou ser uma criança e um adolescente como os demais, mantendo firme o seu propósito de galgar a sua formação acadêmica, com as mesmas oportunidades de sua irmã ouvinte, o que lhe foi permitido pela forma como a família encarou a sua condição de ser surdo. “A habilidade para superar e reagir aos desafios da vida. A capacidade de superar os golpes do destino ultrajante desafia a sabedoria convencional da nossa cultura” (Walsh, 2005a, p. 4).

Considerando que há uma escassa literatura sobre o surdo e as suas relações familiares, como também, sobre surdo e resiliência, nos indagamos qual a influência da família no desenvolvimento do filho surdo. Assim, houve o forte interesse das autoras em desvendar essa questão e justificamos a elaboração deste estudo na expectativa de contribuir na compreensão de familiares ouvintes, profissionais da educação e saúde e dos próprios surdos, quanto aos processos de resiliência no âmbito familiar, como determinantes na constituição identitária e cidadã do sujeito surdo.

Assim, este estudo pretendeu alcançar o objetivo de relatar sobre as contribuições de uma família resiliente no processo de ser surdo de um sujeito. Adotamos como base teórica os autores Bayle & Martinet (2008); Gaylin (2008); Jaramillo-Moreno (2017); Rogers (2012); Rooke & Pereira-Silva (2016); Silveira & Kruel (2020); Simão & Saldanha (2012); Skliar (2010); Teske (2010); Walsh (2005a, 2005b e 2012).

Para tal, realizamos uma releitura do estudo original, “Um estrangeiro em família: ser surdo como uma diferença linguística” (Joca, 2015), o qual trazia, em um de seus capítulos, as histórias de quatro estudantes universitários e dentre eles, Daniel que se sobressaiu, em relação aos outros surdos, pelo seu comprometimento com a cultura surda, com o “movimento surdo”, com os seus estudos e com o respeito e a aceitação de sua condição de ser surdo. Em virtude desse destaque, no estudo original, a pesquisadora foi visitar as suas escolas da educação infantil e ensino fundamental, no interior do Ceará. Circulou pela cidade, conversou com os seus familiares (pais, avós, tios e primos) e amigos, a fim de detectar o porquê daquele sujeito surdo ser tão articulado em seus espaços e encarar a surdez de forma diferenciada dos demais.

No intuito de retomar essa história para analisar a partir do conceito de resiliência, pretendeu-se por meio de um estudo de caso, buscar as informações originais e complementá-las com entrevista em profundidade, a fim de apresentar o percurso de Daniel e a influência da família em sua trajetória de vida.

## **2. Metodologia**

O presente estudo constitui-se como um recorte de pesquisa desenvolvida em um programa de doutoramento em que participaram dez estudantes surdos que alcançaram o Curso Superior, em seu processo acadêmico, em uma Universidade particular, no Nordeste brasileiro. Na ocasião, foram adotados como critérios de inclusão: fazer uso da língua de sinais como meio de comunicação principal no Campus, usar o serviço de intérpretes de Libras, serem registrados no programa de apoio aos estudantes da Universidade.

Estes compreendiam sete alunos do sexo masculino e três alunos do sexo feminino, na faixa etária de 18 a 38 anos. A pesquisa contou ainda com familiares desses surdos, como participantes da investigação.

Dentre os dez participantes surdos, um se destacou pelo seu comprometimento com a cultura surda, com o “movimento surdo”, com os seus estudos e com o respeito e a aceitação de sua condição de ser surdo.

No recorte deste texto, foi evidenciada a demanda da realização de uma entrevista em profundidade, que Minayo (2015, p. 262), esclarece ser o tipo de entrevista “(...) em que o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador (...) buscam dar mais profundidade às reflexões.” A referida entrevista foi aplicada com um

participante surdo e sua família, visando identificar as contribuições de uma família resiliente no processo de ser surdo de um sujeito, para posteriormente apresentá-las neste texto.

Assim, a investigação se configura como um estudo de caso, que na perspectiva de Yin (2010, p. 39), “(...) o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes”.

O sujeito surdo universitário e sua família se mostraram interessados e disponíveis para o aprofundamento das informações coletadas no estudo original. O recrutamento se deu mediante a motivação destes. Ressalta-se que o participante surdo, na época da investigação era aluno de uma universidade privada, em Fortaleza, Ceará, Brasil. Já a entrevista em profundidade foi realizada em junho de 2019, com vistas a conhecer o desenrolar da vida do sujeito surdo em foco, após o término da investigação original.

Como método de análise das informações utilizamos a análise de conteúdo definida por Bardin (2016, p. 15), como “(...) um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Especificamente, adotamos o tipo de análise temática que compreende três fases: (1) pré-análise; (2) exploração do material; (3) tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação. A pré-análise - organização do material constitui da leitura dos dados colhidos da entrevista e escuta do material. Bardin (2016) e Minayo (2015) é o momento em que são executadas em três fases: leitura flutuante, escolha dos documentos e a formulação de hipóteses e objetivos é feito o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

No procedimento de análise de conteúdo, foram definidos como núcleos temáticos os pilares da resiliência familiar: Crenças familiares, Processo de comunicação com abertura, Padrões organizacionais.

O estudo foi pautado nos princípios éticos, adotando a Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012), que zela pelo respeito e sigilo nas pesquisas com seres humanos.

### **3. Descrevendo o Caso**

Daniel, atualmente, é um jovem adulto, engenheiro e professor universitário. Único membro da família surdo, é o segundo filho de pais ouvintes e com a irmã mais velha, também, ouvinte. Nasceu no interior do Ceará e mostrava-se muito ativo, mas a sua mãe

percebia algo diferente. Em sua inquietação de mãe procurou observar o que acontecia com aquele menino que parecia tão saudável. Foi crescendo, com um olhar muito expressivo e em seu dia a dia, a mãe percebeu a falta de reação aos sons da casa e das pessoas. O que gerou preocupação sobre o que fazer e como seria a sua educação. Daí então, foram em busca de orientação dos profissionais da saúde e, na primeira tentativa, desistiram do tratamento por ser na cidade vizinha. Ao chegar no limite da idade esperada para falar, agora em sua cidade, a indicação, mais uma vez, foi para o tratamento fonoaudiológico, com o foco na supressão da deficiência, pelo uso de aparelho auditivo e treino da fala.

Mas, isso não agradou a Daniel, que se negou a participar do tratamento. Não aceitava a repetição de palavras e nem a imposição para que falasse. O que poderia parecer procedimentos adequados, para ele era um sofrimento somado à ansiedade da mãe para que ele acatasse os exercícios indicados. Contudo, dessa vez, o menino foi muito enfático e argumentou a sua negação ao tratamento, a partir de seu incômodo com os exercícios e imposições, que o forçavam ao uso da fala. A família, nesse momento, mostrou o seu respeito a condição de ser surdo do filho e acatou sem mais insistirem em tratamentos que lhe levasse a algo contrário à sua própria condição e ao sentimento de desconforto. Assim, Daniel desvinculou-se do uso do aparelho e do treino para oralização, passando a se sentir mais livre e feliz.

O garoto muito esperto criou um dialeto para falar com as pessoas em casa e na escola, por meio de gestos. E, com seus sinais caseiros, desenvolveu uma linguagem própria que repassava aos colegas, professores e familiares, o que o levou a uma comunicação compreensível, em sua pequena cidade.

### ***Os desafios da escolaridade***

O início de sua escolarização mostrou que as escolas não estavam preparadas para receber uma criança que não se comunica pela fala e os professores com pouca habilidade para lidar com a condição do aluno, que se mostrava muito inteligente, mas a comunicação não fluía como os demais. O que levava a não compreensão das professoras, quando ele parecia desatento e brincava na hora da explicação ou virava-lhes as costas. Em detrimento a ausência de conhecimento sobre a educação de surdos, somada a percepção de uma escrita entrecortada (característica do surdo), que para o mundo ouvinte parecia sem nexos, não se compreendia o que aquele aluno surdo pretendia expressar, levava ao uso de uma metodologia

com distanciamento de uma comunicação adequada, que gerava lacunas no processo ensino-aprendizagem,

Contudo, Daniel revelava que não desistiria diante de obstáculos, ele seguia os estudos com responsabilidade e interesse. Cedo, percebeu que a sua dificuldade maior se detinha na leitura e escrita, por outro lado se destacava em matemática e ele sabia aproveitar essa habilidade muito bem. De modo que, a persistência de Daniel demonstrava que se deve “fomentar as atitudes relacionadas com as outras capacidades que a pessoa tem, em vez de deter-se naquilo que ela não pode fazer” (Garcia, 2008, p. 27). E, assim, ele foi avançando nos níveis de escolaridade, até chegar o momento que a cidade do interior passava a ser um pequeno horizonte para os sonhos de Daniel.

Nas cidades do interior, costuma-se encaminhar os filhos para estudarem na capital. E, quando, os pais se organizavam para encaminharem a filha mais velha para estudar na capital cearense, quando perceberam que Daniel estava triste e ao ser interrogado, ele disse que acreditava que nunca sairia de casa por ser surdo. No momento, os pais inquietaram-se com a colocação do filho e resolveram pensar sobre a possibilidade. E, mesmo tendo que enfrentar os familiares e os amigos que opinavam contrário a abertura desse encaminhamento para capital, por sugerir perigos, para uma pessoa surda, por ficar longe dos pais e ter que se locomover na cidade grande, além de gerir a própria casa junto com a irmã (ambos menores de idade), os pais resolveram enfrentar as opiniões opostas. Em para surpresa de todos, decidiram que o filho, também, teria a mesma chance de crescimento que a irmã. Assim, a família se deslocou para Fortaleza, em busca de uma escola que o aceitasse. Na época, Daniel estava com 16 anos, e a família não pretendia tratá-lo diferente da irmã, compreendiam que caberia a eles oferecerem as mesmas oportunidades e formação acadêmica. Daniel relata: “Eles não sabiam como seria o meu futuro, mas estavam sempre buscando o que poderiam fazer para que eu tivesse um futuro comum e perceberam que para a minha felicidade era preciso eu aprender uma língua”. Então, decidiram buscar uma escola que não insistisse na perspectiva terapêutica da fala, mas que desse a oportunidade do aprendizado da língua natural do surdo.

Desse modo, Daniel ingressou no final do Ensino Fundamental, no Instituto Cearense de Educação dos Surdos e, cada vez mais, era dado a autonomia e liberdade de escolha. Até esse momento, o menino surdo não se percebia com limitações, embora soubesse que havia uma diferença em se comunicar e que a sua família, seus amigos, professores e moradores da cidade haviam aderido, colocando-o em uma posição de equidade. Daniel pondera “Demorei muito para compreender o que realmente eu era. Algumas pessoas falavam de deficiência,

mas eu não me percebia como deficiente, até que descobri que sou surdo”. E diante dessa tomada de consciência, Daniel enaltece a família afirmando que “A maior importância de minha família foi ter tido coragem de me dar todo esse apoio e de não ter tido vergonha de me mostrar como sujeito surdo”.

A cidade grande e a escola, com a proposta de desenvolver a educação dos surdos, geraram novas experiências e o colocaram de frente com a sua condição de ser surdo, pois, deparou-se com outra língua que não era a dele nem a de sua família. Em outras palavras, o novo mundo permitiu que conhecesse a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e se reconhecesse como surdo. A sua reação não foi diferente da forma como enfrenta os desafios da vida, logo procurou estudar Libras e percebeu que ela lhe dava mais liberdade na comunicação, era a sua língua materna. Teske (2010, p. 145) afirma que “muitos surdos só encontram outros quando já estão entrando na adolescência ou na vida adulta. Só então começam a frequentar os clubes e escolas surdas, ou vão se aproximando de grupos espontâneos de surdos”.

Vale lembrar, que o fato da família permitir que Daniel morasse longe dos pais, participasse das atividades de sua escola e atividades esportivas, além de se locomover sozinho na cidade grande, gerou muitas críticas de pessoas ouvintes, que temiam pelos perigos e dificuldades de um surdo enfrentar a capital. Entretanto, a família de Daniel acreditava em seu potencial e acolhia o seu desejo de desbravar o mundo, saindo de sua cidade interiorana e conquistando novos espaços. Gaylin (2008) pondera que se a família trata o filho com empatia, a tendência é de que esse sujeito procure agir de forma mais criativa e sem medo.

No caso em questão, os pais não paralisaram diante das críticas, foram em busca de informações, para vislumbrarem o futuro de seu filho. Assim surgiram muitas descobertas e possibilidades para seu filho, ao saber que havia surdos na Universidade, no mercado de trabalho, dirigiam, constituíam família e levavam a vida como os ouvintes. O que os deixava mais cômicos da posição tomada de credibilidade dada a seu filho. Desse modo, com mais segurança investiram em seu processo acadêmico e permaneciam com a diretriz de uma educação com liberdade e sem preconceito. O que proporcionava a Daniel liberdade de escolhas. Tal liberdade, proporcionava a Daniel a possibilidade de escolha de seus espaços, a busca por seus pares. Assim, inseriu-se na comunidade surda, iniciou a sua participação nas associações dos surdos, nos eventos esportivos e no movimento surdo, com uma posição política em defesa do coletivo.

A busca por diversão não interferia em seu percurso educacional, onde encarava seus estudos com bastante responsabilidade. Quando chegou a hora da escolha profissional, levou

em consideração a sua excelente habilidade com a matemática e, dessa forma, escolheu o Curso de Engenharia, o qual fez com a seriedade que lhe é peculiar, tendo sido cotado, inclusive, para ser o orador da turma. Na Universidade, a sua participação era diferenciada da escola, passou a contar com o apoio do serviço de intérprete, que na escola não havia. Destacava-se dos colegas porque nunca pretendeu tratamento diferenciado por ser surdo, apenas respeito à diferença. No Campus liderava os colegas, defendia os direitos de sua comunidade e o uso da língua. Em outras palavras, ao se inserir na educação de adultos buscava o direito do exercício de sua cidadania com equidade e defendia a sua comunidade e a sua cultura.

Esse envolvimento com o mundo surdo, com a necessidade de divulgação da língua de sinais e pensando na educação do surdo, levou Daniel, mesmo antes de terminar o curso de engenharia, a enveredar pela área da educação, assim iniciou o Curso de Letras Libras, que lhe permitiria ser professor. Curso que acolhe ouvintes e surdos, por meio de aulas bilingues (Libras e Português). Marques, Araújo, Loureiro & Munguba (2020) indicam que esse curso era oferecido, em 2008, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e que surgiu, no Ceará, em 2012, na modalidade presencial, pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Cabe aqui a reflexão sobre as possibilidades de inclusão do surdo no mundo do trabalho. Durante o seu curso de engenharia, vivenciou estágios em que contava com o suporte do intérprete de Libras na mediação da comunicação com ouvintes. Após a conclusão do curso, submeteu seu currículo, para o cargo de engenheiro, no entanto, ao identificarem a sua condição de sujeito surdo, era rejeitado, apesar de suas qualidades. Experiência que o levou a buscar a saída pela outra formação de professor de Libras. Leme (2015, p. 11) ressalta que,

A vida pessoal e social vão se constituindo entremeadas, e os sujeitos, com suas idiosincrasias, suas histórias pessoais, suas emoções, fazem suas escolhas determinados pelas condições concretas de sua existência, de sua ambiência cultural; com essas suas singularidades afetam também os contextos nos quais se inserem, em um entrelaçamento em que o individual e o social se entrecem em um indissolúvel amálgama que vai construindo a história.

Como concluiu as duas faculdades no mesmo período e sentiu-se diante de um mercado de trabalho perverso e discriminatório, daí procurou lecionar no Ensino Superior, onde havia respeito à sua língua. Assim, participou de três concursos para ser professor e conseguiu alcançar boas colocações, dando-lhe direito de escolher a instituição. Isso, abriu as portas para área acadêmica e o fez abandonar o sonho de ser engenheiro.

A partir de suas saídas, diante das situações adversas, nota-se que, “manter e recuperar o nível de adaptação normal, isto é, uma plasticidade comportamental que nos permite responder aos diferentes eventos da vida. É a nossa capacidade de resiliência que garante o equilíbrio entre ganhos e perdas ao longo da vida” (Simão & Saldanha, 2012, p. 292).

Diante do novo cenário, ao iniciar as suas atividades como professor universitário, percebeu que precisava de um preparo maior e buscou ingressar em um programa de mestrado. E, logo após a sua conclusão, vislumbrando maior estabilidade, participou de novo concurso para ser professor de uma Instituição Educacional Federal (IEF). Desse modo, percebe que a sua trajetória ruma no sentido do crescimento pessoal e profissional.

Vale salientar que, como é de seu perfil, não buscou o mestrado, apenas pelo título. Escolheu o mestrado em tradução, por se interessar na tradução Libras-Português-Libras, e por querer compreender o que se apresentava como o maior grau de dificuldade para o surdo. É sabido que a escrita do surdo traz algumas lacunas. E, sobre o momento da elaboração da dissertação, Daniel relata: “Foi algo muito difícil para mim, porque eu não conseguia expressar o que eu queria dizer, de forma escrita. Tinha medo de escrever errado e me limitava na hora de escrever”. Então, encontrou uma saída, para que pudesse ter um trabalho fidedigno ao que pensava e fez a sua dissertação em Libras para, posteriormente, ser traduzida para o Português escrito, por uma intérprete de Libras.

Atualmente, durante o exercício de suas funções de professor, conquistou o seu espaço e tornou-se coordenador do Curso de Licenciatura em Letras Libras. O que lhe deixa muito feliz. Mas ao ser indagado sobre os desafios da vida adulta, revelou que o maior desafio é o uso da língua portuguesa. Pois, o cargo exige comunicações, ofícios e documentos em escrita formal, algo que um coordenador deve dominar. Mas isso não o paralisa e denota a sua essência diante das dificuldades e forma de enfrentá-las. Pois, de forma autodidata, busca os meios de redigir as comunicações sem a ajuda de intérpretes de Libras, apelando ao recurso, quando a situação é mais complexa.

Sobre a sua nova fase, Daniel faz questão de revelar que é casado há mais de três anos. A sua esposa também é surda, e que as dificuldades encontradas, ainda, estão na barreira comunicacional, como é para a maioria dos surdos, por exemplo, na hora de ir ao médico, fazer um pedido na farmácia, com a portaria do prédio em que residem, uso do interfone, barulho que possam fazer e incomodar o vizinho (isso porque o surdo, em geral, não percebe os ruídos inerentes as ações cotidianas e domésticas). Contudo, diante de barreiras que poderiam gerar sentimentos negativos, Daniel refere que nada disso é empecilho, busca

recursos que possam amenizar as barreiras e, assim, leva uma vida “normal” como todo mundo.

#### **4. Resultados e Discussão – processos de resiliência na relação familiar**

Diante do que foi exposto, percebe-se a forte contribuição da família de Daniel em seu processo de desenvolvimento, a partir de atitudes e formas de encarar as diferenças e o mundo surdo, vivido com o membro da família surdo, que trazia uma nova cultura e novo modo de se comunicar. “Desta forma, a ênfase na família como sistema construtor de socialização e resiliência, também implicaria observar aspectos que são próprios como os traços éticos e morais imersos na cultura, clima familiar, ciclo de vida, socialização baseada em gênero, identidade e processos familiares” (Jaramillo-Moreno, 2017, p. 257, tradução nossa).

##### ***Crenças familiares***

Os pais, embora, muito religiosos, não entendem a surdez como algo enviado, predestinado. Mas, recorrem a religião para agir de forma correta com seus filhos e protegê-los sem retirar a liberdade de serem quem realmente são.

A família de Daniel, a partir do momento que compreendeu o seu filho e não colocou o foco na deficiência, mas na potencialidade de seu filho, agiu de forma positiva e resiliente, de acordo com Garcia (2008, p. 27), quando afirma que “paradigma da resiliência não direcionará o olhar a partir do déficit, mas se orienta a desenvolver o potencial para executar as tarefas, as interações com o ambiente e as características pessoais que se requerem para a conduta eficiente”.

Daniel, ao buscar saída, diante da diferença linguística, criando um dialeto, revela que “a capacidade de se renascer da adversidade fortalecido e com mais recursos. É um processo ativo de resistência, autorrecuperação, reestruturação e crescimento em respostas à crise e ao desafio” (Walsh, 2005a, p. 4).

Nota-se que o modo como Daniel lida com as questões que surgem em sua vida, e como busca solucioná-las, encontra-se muito atrelada a forma como a família acatou a condição de ser surdo, sem o ter como “deficiente” tornando a sua convivência, familiar e social, similar aos outros membros ouvintes desse grupo e de seus pares. Ao que nos faz refletir com Walsh (2005a) que o sistema de crenças de uma família revela a sua essência e colabora com o modo de enfrentar as adversidades que surgem na vida. E esse modo de ser da

família repercutiu na forma de encarar o diagnóstico de uma “deficiência”. Denotando que o sistema de crença pode se mostrar como um fator de proteção ou de vulnerabilidade, diante das adversidades, contudo, Daniel e sua família tomam como um fator de proteção e ressignificam as barreiras, possibilitando saídas positivas.

Retoma-se aqui, a um ponto culminante para o crescimento de Daniel, quando seus pais se posicionaram contra os profissionais de saúde, os familiares e os professores, e decidiram dar a oportunidade ao filho surdo de ir em busca de uma formação educacional mais propícia, em cidade grande, distante dos pais. Denotando que, a reflexão dos pais, levaram a um posicionamento positivo diante da escolha do filho. Tal situação vivida, revela que “afirmar a força e o potencial da família no meio da dificuldade ajuda as famílias a diminuir sua sensação de desamparo, fracasso, culpa e, por outro lado, reforça o orgulho pela realização, confiança e o espírito de *eu posso fazer*” (Walsh, 2005b, p. 85, tradução nossa).

Tais atitudes dos pais e forma de lidar com o filho surdo, leva-nos a refletir que,

A resiliência familiar pode ser considerada uma trajetória constituída gradativamente desde o início da vida, sob a influência de processos proximais complexos e crescentes, em que as famílias, mesmo vivenciando um ambiente de risco potencial, conseguem administrar as adversidades, suprir suas necessidades e resolver seus problemas (Oliveira, 2018, p. 98)

### ***Processo de comunicação com abertura***

A postura dos pais de Daniel frente a diferença cultural e linguística do filho levou a posturas de resiliência individual e familiar, a partir da forte premissa expressa pelo pai, ao ser interrogado sobre a condição de seu filho ser surdo, imediatamente, responde: “Deficiente, ele nunca foi. Aceitamos como uma pessoa normal”. Com isso, não colocaram o filho na posição de deficiente ou de coitado e foram atrás de criar oportunidades para o filho.

Tal posicionamento, leva-nos a refletir juntamente com Walsh (2005b) quando afirma que cada família enfrenta as adversidades de maneira própria e o manejo da situação de forma colaborativa é essencial para resiliência familiar. O que pode ser percebido nas atitudes da família, em questão, ao focar as potencialidades e investirem no desenvolvimento do filho, a partir de uma relação aberta e confiante, onde o diálogo é a ferramenta para se refletir e tomar decisões.

Para que a comunicação se tornasse mais fluida, a família e Daniel criaram os sinais caseiros, que logo se transformaram em uma língua própria (dialeto) para ele se comunicar

com todos na cidade. Posteriormente, ao ir morar na capital, Daniel passa a aprender Libras, juntamente com a sua irmã (ouvinte), que moravam sozinhos. E passa a conviver com outros surdos, além de ser muito atuante em sua comunidade.

Daniel ao decidir prosseguir a sua vida profissional a partir, não mais de um sonho, mas, de uma escolha assertiva, pela abertura do mercado de trabalho e possibilidade de crescimento, denota que traz consigo o que lhe foi passado pela família, no enfrentamento dos desafios da vida.

### ***Padrões organizacionais***

Nessa família percebe-se atitudes positivas com o bom funcionamento de valores organizados e ajustado a partir dos desafios enfrentados, considerando os três domínios em bons funcionamentos indicados por Walsh (2012): as crenças familiares, seus padrões organizacionais e o processo de comunicação com abertura em busca da solução de problemas, os quais permitiram uma educação com respeito e promotora de liberdade e autonomia de seus filhos, independente da condição surda ou ouvinte. Constatada na própria fala do Daniel ao declarar que “a credibilidade de meus pais fez-me crescer e acreditar em mim”. Rogers (2012, p. 50) assegura que “um indivíduo que vive nesse clima estimulante pode escolher livremente qualquer direção, mas na verdade escolhe caminhos construtivos e positivos”.

Hoje, Daniel ressalta a importância de sua família em seu percurso e em suas conquistas, por “nunca terem me visto com o tom de pena, de ser coitado, eles sempre me incentivaram e orientaram para seguir um caminho, para que eu me sentisse de igual como as outras pessoas (...) sempre viram o que era mais importante para mim, que era a minha felicidade”.

Ao que nos leva a ponderar que é na família que ocorrem as primeiras relações sociais e é a partir de como se desenvolvem as relações no sistema familiar que o sujeito atua na sociedade e desenvolve ou não a sua autonomia. Daniel, revela ter consciência da importância da família em seu processo de encarar a condição de ser surdo como algo que não lhe impediria de crescer, embora viesse a enfrentar dificuldades. Pois, durante o grupo focal do estudo original, refere-se a família como a sua grande sustentação: “Minha mãe sempre me incentivou e me levava a nunca parar. Sou grato a minha família por ter me colocado neste caminho”

A partir dos resultados apresentados, percebe-se que o posicionamento familiar diante do processo de desenvolvimento e em toda vida do Daniel, revela o quão a sua família traz em si à resiliência e que desenvolveu, no filho surdo, essa forma de enfrentar o mundo em uma perspectiva não da falta, da incapacidade, mas de possuir uma diferença linguística sem a carga de impedimento de crescer.

## **5. Considerações Finais**

As atitudes da família abordada neste estudo, diante de uma condição de seu filho que não coincide com os sonhos iniciais, durante a espera de ser ter um filho ideal, que venha para atender as expectativas sociais, levam a um comportamento e tomadas de decisões diante da diferença, com acolhimento, aceitação e atitudes positivas, promovem um funcionamento saudável e empoderador do filho, que passa a não se perceber como “deficiente”, mas que se identifica com uma diferença comunicacional que não é só sua, mas da família, a qual enfrenta os padrões sociais e investe em uma educação para o crescimento e autonomia.

A partir da análise das informações percebeu-se que a família se mostrava resiliente e contribuiu significativamente para o desenvolvimento dessa capacidade em seu membro surdo. A família a partir de seu regime de crenças, o desenvolvimento de uma comunicação fluida com os seus filhos, independente da língua, e os seus padrões organizacionais, mostrou-se resiliente e em suas atitudes de credibilidade e confiança em seu filho surdo, proporcionou o seu desenvolvimento de resiliência individual.

Em outras palavras, nota-se que, essa família ao assumir atitudes positivas diante dos fatos inesperados e ao enfrentar o curso da vida como algo a ser encarado com equilíbrio e boas crenças de possibilidade de resoluções, torna-se resiliente e leva os seus membros a desenvolverem a capacidade de resiliência.

Diante da escassez de literatura sobre surdo, família e resiliência, recomenda-se a realização de futuras investigações sobre a temática, pois a família sente carência de reflexões sobre o seu papel, além de se aprofundar em diálogos sobre a temática que possam vir a fomentar a cultura surda.

## **Referências**

Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

- Bayle, F., & Martinet, S. (2008). *Perturbações da parentalidade*. Lisboa, Portugal: Climepsi.
- Brasil. (2012) *Resolução N°466* - Conselho Nacional de Saúde, dezembro de 2012. Recuperado de <[conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf](http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf)>.
- Garcia, S. C. (2008). A resiliência no indivíduo especial: uma visão logoterapêutica. *Revista Educação Especial*, 31, 25-36.
- Gaylin, N. L. (2008). *Family, self and Psychotherapy: a person-centred perspective*. Rosson-Wye: PCCS Books.
- Jaramillo-Moreno, R. A. (2017). Resiliencia familiar, comprensión, campos de aplicación, aportes y desafíos. *Diversitas: Perspectivas en Psicología*, 13(2), 255-266. Recuperado de <https://doaj.org/article/25c465a3ed004228b48ce943a400cf4a> doi: 10.15332/s1794-9998.2017.0002.09
- Joca, T. T. (2015). *Um estrangeiro em família: ser surdo como uma diferença linguística* (Tese de Doutorado). Departamento de Psicologia, Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal. Recuperado de [repositorio.ual.pt](http://repositorio.ual.pt).
- Leme, M. E. S. (2015). *Deficiência e o mundo do trabalho: discursos e contradições*. Campinas: Autores Associados.
- Marques, C. J. F., Araújo, L. A. da S., Loureiro, M. C. B., & Munguba, M. C. (2020). A Educação Bilíngue na Universidade Federal do Ceará: o perfil do alunado do curso de Letras Libras. *Research, Society and Development*, 9(7), e233973891. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3891>
- Minayo, M. C. S. (2015). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (14a ed.). São Paulo: Hucitec.
- Oliveira, I. B., Jr. (2018). A escola promotora de processos-chave de resiliência em famílias organizadas em modelos não convencionais. *Psicologia da Educação*, 46, 93-101.

Rogers, C. R. (2012). *Um Jeito de ser*. (6a ed.). (M. C. M. Kupfer, Trad.). São Paulo, SP: EPU. (Obra Original publicada em 1980).

Rooke, I., & Pereira-Silva, N. L. (2016). Indicativos de resiliência familiar em famílias de crianças com síndrome de Down. *Estudos de Psicologia I*, 33(1), 117-126.

Silveira, G. B., & Kruehl, C. S. (2020). Processos de resiliência psicológica em crianças: contribuições de diferentes perspectivas teóricas. *Research, Society and Development*, 9(8), e46985284. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5284>

Simão, M. J. P., & Saldanha, V. (2012). Resiliência e Psicologia Transpessoal: fortalecimento de valores, ações e espiritualidade. *O Mundo da Saúde*, 36(2), 291-302.

Skliar, C. (2010) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In C. B. Skliar (Org.), *A surdez*. (4a ed.), 07-32. Porto Alegre: Mediação.

Teske, O. (2010). A relação dialógica como pressuposto na aceitação das diferenças: o processo de formação das comunidades surdas. In C. B. Skliar *A surdez: um olhar sobre as diferenças* (4a ed.), 137-153. Porto Alegre: Mediação.

Walsh, F. (2005a). *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. São Paulo: Rocca.

Walsh, F. (2005b). Resiliencia familiar: un marco de trabajo para la práctica clínica. *Sistemas Familiares y otros sistemas humanos*, 21(1-2), 76-97.

Walsh, F. (2012). *Normal family processes: growing diversity and complexity* (4a ed.) Nova York: The Guilford Press.

Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. (4a ed.). Porto Alegre: Bookman.

#### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Terezinha Teixeira Joca – 50%

Marilene Calderaro Munguba – 50%